

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 11/01/2016

- [Socioeducandos têm aulas de informática na Biblioteca Pública](#)
- [Justiça condena pastor que molestou fiel de 15 anos em São Paulo](#)
- [Crianças morrem em ataque russo contra escola na Síria](#)
- [Adolescente de 14 anos é morta a facadas por garota de 15 no RS](#)
- [Microcefalia em debate na pauta do Projeto Mãe Coruja](#)
- [Por que não nascem bebês em Fernando de Noronha?](#)

Assunto: Socioeducandos têm aulas de informática na Biblioteca Pública

Fonte: Jornal do Comércio de PE

Data: 11/01/2016

jornal do  **commercio**

Adolescentes e jovens atendidos nas Casas de Semiliberdade vão fazer parte do projeto 'Incluir é preciso'.



Jovens terão cursos de informática com módulos teóricos e práticos

Pensando na importância da socialização para garantir um bom futuro aos jovens atendidos pelas Casas de Semiliberdade (Casem) da Fundação de Atendimento Socioeducativo (Funase), cursos de informática serão oferecidos aos reeducandos. Através do projeto 'Incluir é preciso: a informática como instrumento de socialização', 20 adolescentes participarão da iniciativa na Biblioteca Pública do Estado (BPE).

“Esse projeto é uma forma reintegrar os adolescentes à sociedade através da informática e aumentar o interesse ao ambiente de leitura”, explica Moacir Carneiro Leão Filho, presidente da Funase. A ideia é reiterada pela gestora da BPE, Roberta Guedes Alcoforado. “Este espaço servirá para colaborarmos com a política de ressocialização. Queremos também que os jovens participem das atividades culturais da Biblioteca”, acrescenta.

A iniciativa visa usar a informática como instrumento de socialização, além de elevar a autoestima dos adolescentes, aumentando a capacidade técnica para o crescimento profissional. A sala da BPE onde os alunos terão as aulas contará com dez máquinas modernas. Serão duas turmas de dez alunos, cada. As aulas vão desde lições básicas de informática até o uso das redes sociais. A Funase disponibilizará um instrutor para todo o curso. Além dos cursos de informática com módulos teóricos e práticos, haverá contação de histórias e outras atividades educativas

Assunto: Justiça condena pastor que molestou fiel de 15 anos em São Paulo

Fonte: Jornal do Comércio de PE

Data: 11/01/2016

jornal do  commercio

Segundo os autos, o homem se aproveitou da confiança da adolescente, que o via como líder espiritual.



O Tribunal não divulgou o nome do pastor condenado, nem a igreja nem o número dos autos

A 4ª Câmara de Direito Criminal do Tribunal de Justiça de São Paulo condenou um pastor evangélico por atentado ao pudor mediante fraude. A pena foi fixada em dois anos e 11 meses de reclusão, em regime inicial semiaberto.

As informações foram divulgadas no site do TJ. O Tribunal não divulgou o nome do pastor condenado, nem a igreja nem o número dos autos.

A vítima, que na época dos fatos tinha 15 anos de idade, frequentava a igreja onde o réu trabalhava. Segundo os autos, o homem se aproveitou da confiança da adolescente, que o via como líder espiritual e, após ouvir em confidência seus problemas de relacionamento, convenceu a moça a se deixar "purificar" - e em duas ocasiões praticou sexo oral com ela.

Dias depois, a adolescente gravou conversa que teve com o pastor, em que ele pedia para não revelar a ninguém o que havia ocorrido, pois iria "negar até morte".

O relator, desembargador Ivan Sartori, destacou em seu voto que a avaliação psicológica da vítima confirmou que houve abuso sexual e que ela foi levada a permitir o contato íntimo por "questões religiosas e submissão ao réu".

O julgamento contou com a participação dos desembargadores Edison Brandão e Camilo Léllis e teve votação unânime.

Assunto: Crianças morrem em ataque russo contra escola na Síria

Fonte: Jornal do Comércio de PE

Data: 11/01/2016

jornal do  commercio

Região é palco de violentos combates entre as forças do regime do presidente sírio Bashar al-Assad, apoiadas pela aviação russa, e os rebeldes.



Ataque da aviação russa aconteceu em uma localidade síria rebelde na província setentrional de Aleppo

Oito alunos e uma professora morreram nesta segunda-feira em um ataque da aviação russa contra uma escola situada em uma localidade síria rebelde na província setentrional de Aleppo, afirmou o Observatório Sírio de Direitos Humanos (OSDH). "Oito alunos e sua professora morreram e outras 20 pessoas ficaram feridas em um ataque de aviões russos em Anjara, uma localidade do oeste da província de Aleppo", indicou a ONG, que dispõe de uma vasta rede de fontes neste país em guerra. De acordo com o OSDH, entre os 20 feridos estão alunos e professores.

A região é palco de violentos combates entre as forças do regime do presidente sírio Bashar al-Assad, apoiadas pela aviação russa, e os rebeldes. Além disso, três crianças foram mortas por foguetes disparados por rebeldes contrários ao presidente Assad em Achrafiye, um bairro do norte da cidade de Aleppo, sob controle do governo, informou a agência de notícias oficial síria Sana.

A guerra na Síria foi desencadeada pela repressão de manifestações pacíficas exigindo reformas do regime de Assad. O conflito ganhou contornos mais complexos com o envolvimento de grupos jihadistas e grandes potências. Mais de 260.000 pessoas morreram em quase cinco anos de conflito e milhões foram obrigadas a fugir de suas casas.

Assunto: Adolescente de 14 anos é morta a facadas por garota de 15 no RS

Fonte: Diário de PE

Data: 11/01/2016



A vítima saía de uma festa quando foi abordada pela acusada. Após uma discussão, foi atingida com golpes de faca

Um crime bárbaro chocou a comunidade de Bagé, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, na madrugada deste domingo. Uma adolescente de 14 anos foi morta com pelo menos seis golpes de faca. A acusada, que confessou o crime à polícia, é uma adolescente de apenas 15 anos.

Segundo a polícia, a vítima, identificada como Franciele Modernel Scholant, saía de uma festa no Clube Comercial, no centro da cidade, por volta das 4h45 deste domingo, quando foi abordada por uma jovem. Logo em seguida, as duas meninas começaram a discutir, e Franciele foi atingida com golpes de faca.

A vítima foi socorrida pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), mas chegou sem vida no Pronto-Socorro da Santa Casa de Caridade de Bagé. Em depoimento à Polícia Civil, a adolescente acusada pela morte de Franciele admitiu o crime e não se mostrou arrependida. O motivo seria que as duas estariam saindo com o mesmo rapaz.

Após o depoimento a polícia, a menor foi liberada, pois não houve flagrante. O delegado responsável pelas investigações, Luis Eduardo Benites, vai pedir ao Judiciário a apreensão da adolescente nos próximos dias. A acusada já esteve envolvida em outras agressões. Franciele foi velada na tarde de domingo, na Capela São José, da Funerária Santa Casa. O sepultamento ocorreu às 19 horas.

Assunto: Microcefalia em debate na pauta do Projeto Mãe Coruja

Fonte: Governo do Estado de PE

Data: 11/01/2016



A microcefalia foi tema de discussão e análise em palestra realizada para coordenadores e colaboradores do Mãe Coruja. Nesta quarta-feira (06/12), no Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), a professora e médica Ângela Rocha, chefe da infectologia pediátrica do Hospital Universitário Oswaldo Cruz (Huoc), fez uma abordagem sobre a doença, desde o surgimento dos primeiros casos e passando por números gerais em nível estadual, levantados em um período que se estende entre 1º

de agosto e 30 de dezembro de 2015 (ao todo, 1.185 casos notificados nos meses citados). No Brasil, foram 3.174 casos no mesmo período. Os dados foram divulgados pelo Ministério da Saúde.

Além de falar sobre causas da doença, Ângela esclareceu sobre os sintomas da zika, chikungunya e dengue e traçou os objetivos para detectar, notificar e orientar quanto à microcefalia. “Eliminar o vetor (Aedes) é algo de muita importância. A população tem que fazer a parte dela, assim como os governantes devem fazer a parte deles. A gente tem que se preparar com a vigilância constante, essas crianças terão que ser acompanhadas por muito tempo. Já vi todo o tipo de caso como infectologista e aqui (na microcefalia) a gente parte de um cérebro lesado. É preciso uma força emocional e econômica grandes, temos que repensar a saúde pública, é um momento para todos refletirem”, salientou a médica.

Também falaram aos coordenadores o diretor geral de Controle de Doenças e Agravos, George Santiago, e a superintendente da Diretoria Geral de Modernização e Monitoramento da Assistência à Saúde da Secretaria Estadual de Saúde (SES), Andréa Franklin. Agora, no turno da tarde, será apresentado o fluxograma do Canto Mãe Coruja para o monitoramento e acompanhamento dos casos de microcefalia das crianças do programa. A professora da UFPE e doutora Tânia Andrade Lima, que também é coordenadora do Grupo de Pesquisa do Mãe Coruja, está responsável por toda a apresentação e dinâmica. Ao final de cada exposição, coordenadores interagiram diretamente através de perguntas e questões colocadas aos especialistas.

MICROCEFALIA - A microcefalia faz com que o bebê nasça com o crânio do tamanho menor do que o normal. A má formação da cabeça é diagnosticada quando o perímetro dela é igual ou menor do que 32 cm – o esperado é que bebês nascidos após nove meses de gestação tenham 34 cm, no mínimo. A principal hipótese discutida para o aumento de casos de

microcefalia está relacionada a infecções pelo zika, que foi identificado pela primeira vez no Brasil em abril de 2015. O vírus é transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti*, assim como a dengue e o chikungunya.

Assunto: Por que não nascem bebês em Fernando de Noronha?

Fonte: Rede Nacional Primeira Infância

Data: 11/01/2016



O filme *Ninguém nasce no paraíso*, uma produção da COMOVA, organização integrante da RNPI, mostra as condições que as mães de Fernando de Noronha são obrigadas a enfrentar para terem seus filhos. A proibição do parto na ilha já completa 10 anos. Abaixo, a matéria da BBC Brasil sobre o filme.



Proibição de partos no arquipélago causa indignação em moradores; governo estadual diz que faltam recursos, apesar de arrecadação da ilha com turismo

“É um pesadelo, você acha que nunca vai acabar. É uma sensação horrível você estar dentro de um quarto presa, às vezes sem dinheiro, longe da minha casa e da minha família.”

A frase acima não descreve uma experiência de exílio ou na prisão, mas a espera da noronhense Laisy Francine Costa e Silva, de 19 anos, pelo primeiro filho. Como todas as gestantes do arquipélago pernambucano – que é um dos principais destinos turísticos do Brasil, santuário ecológico e Patrimônio Natural da Humanidade, segundo a

Unesco –, ela precisa sair de casa no sétimo mês de gestação para dar à luz em Recife, a 545 km de distância.

Em 2004, foi desativada a única maternidade na ilha, no Hospital São Lucas, sob a justificativa de que o custo de manutenção da estrutura era alto demais para a média de 40 partos por ano realizados na ilha principal, a única habitada. Há 10 anos, no entanto, o impedimento causa indignação entre os moradores, que falam em “violação do direito de nascer”.

Agora, o documentário *Ninguém nasce no paraíso*, do brasileiro Alan Schvarsberg, conta a história de mães insatisfeitas com a situação. Ele descobriu o tema quando ministrava uma oficina de videoativismo em Noronha há dois anos.

“Estávamos falando sobre temas que eles queriam abordar e a proibição do parto foi a que mais apareceu. Mulheres e homens diziam que queriam falar sobre isso, mas que tinham receio de falar”, diz.

“O ruim é que você sai da sua casa”, disse à BBC Brasil Monique Souza, de 27 anos, que teve sua primeira filha em 2013 e é uma das entrevistadas no documentário. “Tenho uma casa em Recife, mas meu marido ficou (em Noronha). Tenho um irmão especial e minha mãe teve que deixá-lo lá. E ainda tivemos que sustentar duas casas durante esse tempo.”

Por lei, não há proibição formal para o nascimento de crianças em Fernando de Noronha. No entanto, a Coordenadoria de Saúde do arquipélago, que tem sede em Recife, se encarrega de fazer com que as mães deixem o local a partir da 34ª semana de gestação – mesmo que seja preciso insistir.

“Tinha umas 40 mulheres grávidas aqui na época e umas quatro iam dar à luz no mesmo período que eu. Elas me chamaram para pagar um médico para fazer o parto, mas depois as assistentes sociais me explicaram que não tem UTI, que se acontecesse algo, podia ser um problema”, relembra Monique.

“Ouvi falar que chegaram a dizer a outras mães que a culpa seria delas, se o bebê tivesse complicações.”

‘Olhando para as paredes’



Gestantes precisam sair da ilha no sétimo mês de gravidez e retornam cerca de 15 dias após dar à luz os bebês

De acordo com a coordenadoria de saúde da ilha, as gestantes fazem pré-Natal pela rede pública em Noronha até o sétimo mês de gravidez e, depois, são encaminhadas para Recife. Todas têm suas passagens de ida e volta – incluindo um acompanhante – pagas. O voo dura 1 hora e 20 minutos.

Em casos específicos, podem também receber hospedagem no hotel Uzi Praia durante todo o

período na capital pernambucana, com três refeições e transporte para as consultas médicas. E seus partos são feitos do IMIP, hospital de referência em pediatria na capital.

Nem todas as mães, no entanto, se dizem satisfeitas com as condições.

Quando teve o primeiro filho, em 2011, Silvia Souza da Silva, de 22 anos, diz não ter recebido assistência apropriada. “Eles só me deram a passagem e marcaram para eu ir numa clínica. O médico entrou mudo e saiu calado. Tive meu filho em outro hospital porque uma amiga da minha família fez meu parto.”

“No meu segundo filho (nascido há cerca de três meses), exigi o hotel porque soube que outras pessoas tinham ficado lá. Se você não exigir seus direitos, eles não dão assistência a você.”

Uma das queixas mais comuns entre as mães é a solidão e a falta de opções de lazer durante a espera pelo nascimento do bebê – especialmente quando não se tem tanto dinheiro.

“A gente ia do hotel para o hospital e do hospital para o hotel. É difícil ficar dentro de um quarto olhando pra as paredes. Eu levei meu filho de 4 anos, e para ele também foi difícil. Aqui em Noronha ele brinca no quintal, pode correr. Lá, só podia ficar no quarto”, relembra Silvia.

‘Falta de recursos’

Para Marilde Martins da Costa, de 59 anos, que cumpre seu terceiro mandato no Conselho de Noronha, o “problema é meramente político”.

“Não justifica termos uma parturiente ou duas em um mês, termos um voo saindo diariamente para Noronha e não podermos ter um médico que venha fazer um parto aqui e um anestesiista. Eles viriam num dia e voltariam no outro”, disse à BBC Brasil.

Segundo a coordenadora de saúde de Noronha, Fátima Souza, é inviável reabrir a maternidade em Noronha, principalmente por falta de recursos para sustentar a operação.

“Uma maternidade, para funcionar, precisa de toda uma estrutura. E nós temos, no máximo, 40 partos ano em Noronha. Não teria como manter essa estrutura e não teria pessoal suficiente”, disse à BBC Brasil.

“Eu acredito que essas pessoas estão resguardadas de um problema maior. Porque deixar essas pessoas na ilha sem as condições para atendimento de alta complexidade, que a gente sabe que pode acontecer, é um complicador muito maior do que quaisquer transtornos por questões emocionais.”

Souza diz que, para manter a operação permanente da maternidade do Hospital São Lucas, o único da ilha, seriam necessários pelo menos R\$ 150 mil reais mensais. Segundo dados da Coordenadoria de Saúde, a administração gastou cerca de R\$ 76 mil só com as passagens de avião de ida e volta das 30 mulheres que tiveram filhos naquele ano e seus acompanhantes. Em 2015, até outubro, o gasto foi de R\$ 82 mil.



Mães como Monique (foto) reclamam de solidão e dificuldades financeiras durante período final da gestação, em Recife

A pasta ainda informou à reportagem que o distrito de Fernando de Noronha recebeu cerca de R\$ 2,7 milhões em repasses dos governos estadual e federal para a saúde em 2014. Nesse ano, a cifra caiu para menos da metade – pouco mais de R\$ 1 milhão.

Questionada pela reportagem, o governo de Pernambuco não respondeu se seria possível utilizar, parte da arrecadação da ilha com a Taxa de Preservação Ambiental – cobrada diariamente de todos os visitantes – para reativar a maternidade da ilha. Em 2014, segundo

informações obtidas via Lei de Acesso à Informação, a arrecadação com a taxa foi de quase R\$ 16 milhões.

‘E a fome de madrugada?’

Laisy Francine teve seu primeiro filho há um mês, acompanhada da irmã e do sobrinho de um ano. Ela falou com a reportagem da BBC Brasil pouco antes de dar à luz Arthur. “Não tenho o que falar do hotel, o pessoal é atencioso. Só do que tenho que reclamar é terem me tirado do conforto da minha casa e da minha família. A situação é muito ruim”, disse, ansiosa, ao telefone.

Segundo Laisy, que não tem parentes com quem se hospedar em Recife, uma assistente social em Noronha chegou a negar sua solicitação de hospedagem no hotel, com a justificativa de “corte de gastos”. “Fiquei logo nervosa, comecei a chorar”, lembra.

A Coordenadoria de Assistência Social nega que um corte de gastos tenha sido o motivo da negativa inicial, mas Laisy afirma que teve que insistir para conseguir a hospedagem. “Nunca vi isso. Até no interior mais brabo de Pernambuco tem maternidade. Eu ameacei ir na Justiça, procurar meus direitos. Dias depois me disseram que ‘depois de muitos argumentos’ conseguiram hotel pra mim.”

Com a gravidez, ela teve de deixar o emprego de vendedora de sorvete, em que ganhava R\$ 50 por dia. Sua mãe, que tem uma barraca de praia, envia dinheiro semanalmente para as despesas das irmãs.

“Se eu não tivesse minha mãe, como eu ia fazer? Vê só o que eles não estão passando lá pra mandar esse dinheiro pra a gente. Ela manda de pouco em pouco, mas já gastei de R\$ 5 mil a R\$ 7 mil”, afirma.

“Tem vezes que a comida não é boa, então eu vou e boto do meu dinheiro. Tem coisas que não gosto de comer, então não como. E aquela fome de madrugada? Porque mulher grávida come que só a moléstia.”



‘Nó de Noronha’ faz com que moradores tenham receio de levar reclamações sobre o tratamento das grávidas às autoridades, segundo cineasta

A assistente social que se encarrega da assistência às mães em Recife, Talita Lima, diz que não é comum receber queixas relativas à angústia das gestantes.

“Algumas delas já colocaram questões no hotel, como lençóis que precisam trocar mais vezes, a comida que acham que pode estar mais gordurosa. Procuramos o pessoal do hotel para conversar e resolver as situações”, disse à BBC Brasil.

Todas as mães com quem a reportagem conversou, no entanto, reclamaram do custo emocional de serem separadas de suas famílias, com pouco dinheiro e poucas opções de lazer no último período da gestação.

“Se a pessoa não for forte, ela entra em uma depressão muito profunda, porque para sair aqui tem que ter muito dinheiro. Eu não sei andar aqui, tenho que sair de táxi”, disse Laisy.

'Nó de Noronha'

Alan Schvartsberg, diretor do filme *Ninguém nasce no Paraíso*, acredita que a expressão “nó de Noronha”, que aprendeu na ilha, pode ajudar a explicar o porquê de as reclamações das mulheres nem sempre chegarem às autoridades.

“O ‘nó de Noronha’ expressa a relação de interdependência da comunidade diante da realidade de viver numa ilha. Pelo fato de tudo vir do continente, até a água potável, as pessoas todas se conhecem e dependem umas das outras e da administração. Então há o receio de falar alguma coisa e sofrer represálias”, afirma.

“A meu ver, esta é uma forma de extermínio muito perversa da população local. As mulheres podem registrar seus filhos, nascidos em Recife, como noronhenses, mas a gestação está se tornando algo muito traumático. Isso está fazendo com que, pouco a pouco, menos mulheres queiram engravidar”, afirma.

Mesmo animada com a chegada do bebê, Laisy afirma que vai pensar duas vezes antes de dar a ele um irmão ou irmã.

“Eu gosto muito de criança, mas para passar isso de novo eu não quer ter filho mais não, Deus me livre. Só se vier morar aqui fora”, diz.